

A mediação formativa na creche: bebês, professoras, gestoras e pais

Edilene Nere Ribeiro¹

<http://orcid.org/0000-0001-5110-1897>

Andrea Abreu Astigarraga²

<http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Eunice Andrade de Oliveira Menezes³

<https://orcid.org/0000-0001-8383-5588>

Resumo

No trabalho docente na creche surge a necessidade de romper com as marcas deixadas pelo assistencialismo decorrente da ideia de que para a educação de bebês e crianças pequenas bastam os cuidados básicos com higiene, repouso e alimentação. Portanto, o objetivo desta pesquisa é observar, descrever e analisar a rotina de uma creche onde uma das autoras deste estudo desenvolve o estágio, de forma a destacar a triangulação formativa entre os bebês, as educadoras-gestoras e os pais. A pesquisa é de abordagem qualitativa, sendo os procedimentos metodológicos a observação participante e análise de documentos, principalmente de relatórios sobre o desenvolvimento global de oito bebês. Os resultados apontaram para a importância do diálogo formativo entre a estagiária, a professora titular e o corpo gestor, bem como revelaram a opinião dos pais dos bebês sobre seu desenvolvimento nos ambientes além da escola, onde não se tem alcance, apenas por meio de seus depoimentos.

Palavras-chave: Mediação formativa. Creche. Desenvolvimento infantil. Prática docente.

Abstract

When teaching in a nursery school, one of the greatest needs is to interrupt patronizing behavior. The new conceptions of childhood and school require the construction of a teacher identity for teaching babies. Therefore, the objective of this research was to observe, describe and analyze the routine of a nursery school during my student teaching internship and highlight educational triad between babies, educators and parents. The present research used the qualitative method. The methodological procedures were participant observation and document analysis, particularly reports on global development, of eight babies. The results pointed to the importance of the formative dialogue among the trainee undergoing training, the full teacher, the management staff and the parents' feedback about the development of their children in the out-of-school environment, where we can only learn about this environment through their

¹ Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Professora da Rede Pública de Ensino Municipal- Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: edypedagogia@outlook.com

² Mestre e Doutora pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pós-Dutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professora Adjunta na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Brasil. E-mail: astigarragaandrea@yahoo.com

³ Mestre e Doutora em educação pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri- UFCA, Brasil. E-mail: eunice.menezes@ufca.edu.br

statements.

Keywords: Training mediation. Nursery. Child development. Teaching practice.

1 O ponto de partida profissional entrelaçado com a dimensão existencial

O ano letivo, em 2019, no infantil bebê, em uma creche da rede de ensino público do município de Sobral, Ceará, iniciou com oito crianças com faixa etária de quatro meses, e permaneceu assim até o final do ano. No início, eu, que me iniciava como estagiária de professora nessa instituição, na referida turma, tive um pouco de medo porque alguns ainda mamavam. Mas, nunca escondi de ninguém do corpo docente e gestor da escola a curiosidade, o desejo, o interesse de estar perto de um bebê e acompanhar seu desenvolvimento, porque, segundo Antunes (2010, p.25): “[...] a aprendizagem da criança é sempre uma forma de adaptação ao ambiente e, sobretudo, dar mais vida às nossas relações com ela, essa aprendizagem será mais ampla e mais significativa”.

Foi uma experiência única e muito gratificante, cheia de medos, desafios e muito amor. Muitas vezes o tempo era corrido. Porém, só em lembrar os rostinhos que me esperavam já se tornava uma satisfação e motivação diária a imersão naquele espaço rico em vida e surpresas. Ao longo do ano fui me adaptando ao ambiente e conhecendo cada criança. Vale ressaltar que foi a partir dessa experiência que pude perceber o quão importante é meu papel como pedagoga para contribuir em favor do desenvolvimento de cada criança nos seus primeiros meses de vida.

Ao longo do ano pude observar a criação de vínculos entre esses bebês e nós, visto que eles, gradativamente, passavam a demonstrar total confiança em nós, inclusive, com sinais de afeto e carinho. E desta forma eu não media esforços para dar a atenção devida e necessária a esses pequeninos, oferecendo-lhes cuidados e amor.

Em consequência disso, comecei a observar melhor o comportamento de cada um e por meio das observações realizadas consegui obter algumas respostas sobre o desenvolvimento dos bebês na creche, pois: “os bebês aprendem mesmo que ninguém lhes ensine. Aprendem com o que veem, com o que ouvem, com o que tocam, cheiram ou provam, assim construindo um vasto e diversificado repertório de conhecimentos” (ANTUNES, 2010, p. 25), ou seja, as experiências sensoriais, expressivas e motoras, dentre outras.

Sabe-se que o desenvolvimento global do bebê, ou seja, o que envolve os campos cognitivo, social, cultural, emocional, psicomotor, etc, deve ser incentivado através da interação e mediação com o outro e com o meio. Isso é claramente elucidado por Sarmento (2016):

Porque a relação entre uma criança e um adulto consiste na relação entre dois seres humanos, com experiências de vida diferentes, com níveis de maturidade diversos,

com perspectivas e olhares divergentes sobre o mundo, instituídos de poderes assimétricos, e a influência que estas circunstâncias podem ter na vida de uns e de outros difere em cada contexto de vida (SARMENTO, 2016, p.23).

Dessa forma destaca que, muito embora se reconheça a relevância da creche para o desenvolvimento do bebê e crianças pequenas que não contam com a presença de um adulto no contexto familiar para cuidá-las em tempo integral, Sarmento destaca que, (2016, p.22): “[...] a família continua, contudo, a ser o primeiro contexto de socialização das crianças, embora pesem as transformações da sociedade e, particularmente, da vida concedida às suas crianças”.

Vale ressaltar que a entrada na creche é a primeira ruptura do bebê com o seio familiar, isto é, o ingresso em outro espaço social. Essa ocorrência, geralmente, acarreta estranhamento, ansiedade e até medo, não apenas na própria criança, mas igualmente na família, sobretudo nas mães. Da mesma forma, esse momento não é diferente para as professoras, visto que elas também necessitam se adaptar a cada criança, com sua singularidade, seus gostos, necessidades e desejos. E isso ocasiona temor! Não foi diferente para mim. Não é diferente para cada estagiária ou professora que se inicia no fascinante e desafiante *mundo* dos bebês.

Assim, diante do que expus até agora, retomo o objetivo desta pesquisa, que é observar, descrever e analisar como o desenvolvimento dos bebês acontece quando há uma triangulação formativa entre eles, as educadoras-gestoras, os pais desses pequenos.

2 A relação entre professores, bebês e pais no âmbito da creche

A formação docente dispõe de vários fatores diferentes para que, no espaço da creche, se possa dialogar com o público alvo, que são, especialmente, os bebês, as crianças pequenas e seus pais e filhos. Ao longo de minha experiência nesse espaço (a creche), pude perceber que, por intermédio da comunicação aberta e direta com a família das crianças acontece o seu envolvimento no contexto escolar.

O bom relacionamento entre educadores e famílias a ser constantemente conquistado contribui muito para o trabalho com as crianças, pois as dificuldades surgidas podem se resolver mais rapidamente e a segurança é maior nas decisões que são tomadas em relação a elas (OLIVEIRA et al., 1992, p.118).

Em consequência disso, se ganha uma vantagem relevante na formação dos filhos, pois a comunicação é um dos pontos principais para promover a interação entre creche/escola e família.

Os pais são, sem dúvida, as pessoas mais importantes nas vidas de seus filhos, um fato que escolas e creches vieram a reconhecer lentamente. Até alguns anos atrás, havia

uma cisão quase completa na maneira como as pessoas pensavam e escreviam sobre crianças pequenas (GOLDSCHMIED, 2006, p.28).

Tentar encontrar a aproximação de ambas as partes é, portanto, de suma importância, a fim de garantir o desenvolvimento global dos bebês.

Se a escola é o prolongamento do lar, não faz sentido que as famílias não sejam participantes ativos na creche e nas conquistas diárias dos filhos. O Educador tem o dever de encontrar estratégias para incluir a família. A creche tem que ser um local aberto às famílias, é importante para estas conhecerem melhor o espaço onde o seu educando passa tantas horas, conhecer os amigos, o pessoal docente e não docente (LOPES, 2012, p.17 *apud* SARMENTO, 2016, p.114).

Desse modo, é notório que a importância da família na escola é significativa na formação e educação dos filhos, fortalecendo o vínculo entre essa, a primeira instituição formadora, e o primeiro contexto sócio educacional no qual os bebês e crianças pequenas adentram, além do espaço familiar, ou seja, a creche ou pré-escola. Nessa direção, Goldschmied (2006) destaca que:

É de suma importância destacar que o diálogo entre pais e filhos é inevitável, pois faz parte da atuação docente. Como diz Portugal (1998, p.194 *apud* SARMENTO, 2016, p. 33):

Os pais também se relacionam melhor com os educadores dos seus filhos quando percebem a natureza complexa do seu trabalho e apreciam os objetivos que os educadores tentam cumprir. Obviamente, os pais relacionam-se mais positivamente com os educadores quando esses desenvolvem relações respeitadas e aceitantes.

Então, a partir disso se promove uma melhor interação entre família e escola/ creche. Importa ratificar que essa parceria deve ser baseada na total confiança e sinceridade proporcionando à criança e aos pais segurança.

[...] as relações que se estabelecem entre as mães e os educadores podem variar muito, dependendo de vários fatores, dentre eles, a qualidade do atendimento da creche e o nível de participação que essa oferece às famílias. Esses dois pontos, evidentemente, apoiam-se em concepções sobre o papel da creche e da família (OLIVEIRA et al., 1992, p.115).

Vale salientar que, essa confiança leva tempo, pois é preciso estimular e desenvolver o diálogo com as famílias gerando uma aproximação entre as mesmas e a creche, porque nem sempre essa comunicação entre pais e educadores acontece de forma positiva, principalmente quando envolve várias famílias com valores diversificados. Nesse sentido, Oliveira (1992 p. 114) relata que: “[...] os contatos diários entre os educadores da creche e os pais das crianças geram um tipo de relacionamento singular e muito especial, sobre o qual esses profissionais

necessitam também refletir”.

Goldschmied (2006, p. 25) nos lembra um tema geralmente controverso entre família e escola, visto que: “[...] convencer os pais de que a criança está bem quando *só brinca* sempre foi um problema para os educadores da primeira infância e coordenadores de grupos de recreação”. Portanto, estabelecer esse diálogo nem sempre é fácil. Porém, é necessário que a educadora ou o educador construam laços de confiança para favorecer e fortalecer esse elo.

Faz-se necessário um trabalho de persistência no *diálogo* cotidiano entre creche e família. Por sua vez, a creche que se propõe a esse diálogo está se expondo a muitos conflitos. Pode-se notar, por exemplo, que muitas mães procuram obter o máximo de controle do trabalho realizado na creche, através de grandes exigências e críticas, requerendo que a creche se responsabilize por tudo o que ocorre com a criança. Nesse exemplo, o educador precisa estar atento para não agir da mesma maneira em relação à mãe, como muitas vezes se observa (OLIVEIRA et al., 1992, p.116).

À vista disso, o diálogo precisa ter como foco principal *dar e receber* informações, cumprimentos, respostas, etc., havendo uma interação de trocas de ideias e informações para que haja uma ligação forte entre creche-família, resultando, assim, em melhores intervenções com os bebês, tendo em vista seu pleno desenvolvimento.

Abrir a creche significa reconhecer que a creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança compartilhando com a família a educação da mesma. Isso implica em compartilhar os sucessos e as dificuldades que se apresentam e, acima de tudo, transformar esse trabalho em colaboração mútua (OLIVEIRA et al., 1992, p.116). Grifo dos autores.

3 Legislação sobre creche: breve histórico sobre o surgimento

Historicamente, o trabalho em creches com as crianças pequenas foi marcado pelo assistencialismo, sendo prioridade a preocupação com o cuidado e a guarda das crianças de pais trabalhadores. Porém, ao passar dos anos, uma nova concepção de creche vem se constituindo, entendida agora com função educativa. Essa função das creches no Brasil vem sendo sempre reestruturada, de acordo com o conceito de infância, no decorrer dos anos.

É de suma importância destacar que, as primeiras creches surgiram com a revolução industrial com o objetivo assistencialista, sendo um espaço onde os bebês ficavam enquanto as mães trabalhavam.

A história demonstra que a creche esteve muito imbricada com os interesses dos outros e não apenas o das crianças. Uma prova disto é quando havia guerras e nesse momento os homens tinham que se ausentar das famílias. As mulheres eram obrigadas a saírem de casa a fim de conseguir um trabalho para garantir o sustento do lar.

Considerando as condições precárias sob as quais as mães eram obrigadas a deixar seus filhos para submeter-se ao trabalho externo, a creche surge ainda como um elemento redutor da morbidade infantil em que as mães podiam deixar os seus filhos. Deste modo, a creche passa a existir com o intuito de ser um lugar aonde as crianças iriam apenas para serem cuidadas e alimentadas.

Essa ideia da creche como espaço assistencialista foi construída desde o seu surgimento, além de serem criadas com o intuito assistencialista foram representadas como projeto de baixo custo e destinado apenas às famílias de baixa renda.

É relativamente recente conceber a creche como tendo uma tarefa principalmente educativa. Foi preciso todo um movimento histórico que possibilitou mudanças significativas na forma de conceber a criança, o modo como ela se desenvolve e as funções da família. A creche teve que superar a visão assistencial com que era identificada (OLIVEIRA et al., 1992, p. 14).

Esse modelo permaneceu por muito tempo, em que ao longo dos anos e, com a concepção de criança como um ser social e autor de sua própria história, surge uma necessidade de rever a estruturação-orientação curricular das creches.

Com a conquista que obtivemos na Constituição Brasileira de 1988, a creche passou a ser definida como um direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família. Essa definição afasta completamente a concepção anterior. Mas é ainda necessário ampliar o número de creche de 0 a 6 anos nessas instituições. Além disso, é preciso garantir um atendimento de qualidade, que favoreça o desenvolvimento das crianças enquanto cidadãos capazes de colaborar e lutar por um país melhor. A partir dessas mudanças ocorridas, a creche deixa de ser apenas um ambiente de cuidados físicos e passa a ser um espaço voltado para desenvolver os estímulos das crianças.

A creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. O importante é que a creche seja pensada não como instituição substituta da família, mas como ambiente de socialização diferente do familiar (OLIVEIRA et al., 1992, p. 64).

Essa ideia de creche enquanto instituição educativa para as crianças de zero aos três anos vem sendo uma novidade decorrente das alterações ocorridas nos últimos anos. O que antigamente era visto e tido como assistencialista passa a ser de grande necessidade para os processos de desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos.

Se, inicialmente, as creches surgiram como forma de colmatar essa necessidade de acompanhamento das crianças na impossibilidade de as famílias assumirem essa responsabilidade, a verdade é que rapidamente se transpôs essa função meramente

assistencialista para se reconhecer o valor educativo dessas instituições. Assim, para além dos cuidados e do apoio às famílias, as creches são também, e em primeiro lugar, instituições educativas, no sentido da promoção das potencialidades das crianças (SARMENTO, 2016, p.22-23).

4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa em questão é ancorada na abordagem qualitativa, que, conforme Bogdan e Biklen (1994) apresenta, dentre outras características, a preocupação maior com o processo do que com o produto, levando o pesquisador a focalizar o significado que as pessoas conferem às coisas e à sua vida.

Buscando então entender esses significados, especificamente sobre como os agentes envolvidos na educação de bebês captam suas formas de desenvolvimento, realizei a análise dos relatórios descritivos dos bebês, a fim de compreender o desenvolvimento de oito crianças que acompanhei durante meu estágio em uma creche. Os bebês os quais observei, tinham entre 4 e 6 meses de idade. O procedimento metodológico utilizado foi a análise dos relatórios bimestrais de cada bebê, no período referente a fevereiro e dezembro de 2018. Refinei minha análise sobre tais documentos ao me apoiar na triangulação formativa (LANGHI, 2009), um aporte teórico que toma a autonomia como um dos aspectos centrais da formação docente.

Assim, como professora em processo de formação inicial, vivenciando uma experiência de estágio docente com bebês, procurei equilibrar as contribuições que vinham da professora titular da sala e da equipe gestora com minhas próprias condições de construir saberes docentes ao aprender, dia após dia, a lidar com os bebês.

Em respeito aos princípios éticos da pesquisa, os nomes reais dos bebês foram substituídos por codinomes, como forma de preservação da identidade de cada um, bem como o acesso à análise do referido material foi autorizada pelos pais dos bebês, assim como pela equipe gestora da creche.

Refinando meu olhar investigativo sobre os bebês e suas formas de interação e desenvolvimento, cada vez mais passei a entender que “[...] estar com os bebês significa colocar-se intencionalmente disponível para a relação” (COUTINHO, 2013, p. 9), dando sentido às suas falas, seus choros, balbucios, gestos, expressões, olhares, de modo a aguçar sua curiosidade e, assim, oportunizar novas descobertas, criações, curiosidades, necessidades e interesses.

O que é óbvio para o adulto nem sempre o é para os pequeninos, daí porque a relação entre adultos e bebês é indispensável para o seu processo educativo. Desde cedo, os bebês demonstram interesse em conhecer o mundo a sua volta. Ao se relacionar com as pessoas e com os objetos eles se apropriam dos mesmos. Vale destacar que, segundo Mello (2007, p. 90), a criança: “[...] é desde muito pequena, capaz de explorar os espaços e os objetos que encontra

ao seu redor, de estabelecer relações com as pessoas, de elaborar explicações sobre os fatos e fenômenos que vivencia”. Portanto, é necessário respeitar as crianças no tempo em que vivem dando espaço para suas formas típicas de exploração como: tatear, cheirar, tocar, sentir, ouvir.

4.1 Contexto da pesquisa, perfil dos pais e dos bebês

A pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil Tereza Rodrigues dos Santos, creche integralmente pública do município de Sobral- CE. Ela é localizada no bairro Residencial Novo Recanto, e atende diversas famílias de classe média baixa. A instituição apresenta um alto índice de procura por vagas por ser a única no bairro. As mães dos alunos do Infantil bebê no turno tarde têm a faixa etária de 25 a 34 anos. Os pais têm uma média de 35 anos.

No que diz respeito à escolaridade das mães, aproximadamente 50% são graduadas, já 25% têm apenas o ensino médio completo e os outros 25% o ensino médio incompleto.

Sobre a atuação profissional, quase 50% trabalham na área da educação; umas lecionam, outras são secretárias da escola. Uma parte equivalente a 25% são domésticas e os outros 25% atuam como auxiliares de produção de fábrica, vendedoras de lojas e autônomas.

Por ser uma sala de infantil bebê, o acompanhamento por parte dos pais era diário. Eles deixavam e buscavam seus filhos na creche, diariamente. Era perceptível a preocupação e o cuidado por parte de cada um, mesmo a escola suprindo com todos os materiais e alimentos necessários aos bebês. Assim, notava-se que alguns tinham preocupação de enviar frutas, iogurte, fraldas e, até mesmo, brinquedos para o bem-estar de seus bebês.

Quando havia algumas crianças doentes, eu observava que os pais sempre tinham aquele cuidado e atenção de atender os telefonemas da escola, e imediatamente vinham buscá-las ou mandavam terceiros, tais como: avós, tias, irmãos (as) ou vizinhos, pois, no CEI não há enfermeiros e não podemos dar medicamentos sem prescrição médica.

Por serem crianças da creche, todos ainda faziam suas necessidades fisiológicas na fralda, e nós, enquanto professoras, sempre aconselhávamos-os pais a colocarem fraldas na mochila, e sempre obtivemos um bom resultado em cada diálogo pois eles atendiam o nosso pedido, quase sempre.

Os pais, em sua maioria, eram bem abertos ao diálogo pois conversavam com as professoras, não só deixavam e buscavam seus filhos, mas, gostavam de relatar sobre o seu bebê, falavam se estavam bem, como havia sido o sono à noite, tranquilo ou não. Eles tinham o hábito de perguntar como havia sido o dia dos seus filhos na escola em relação a comportamento e alimentação, e essa troca de ideias por ambas as partes foi essencial, uma base para alcançar de forma significativa os nossos objetivos, que não eram apenas cuidar, mas sim respeitar cada fase dos bebês para que eles conseguissem se desenvolver da melhor forma possível.

Apesar de eu estar me referindo apenas aos pais, muitos familiares acompanharam o desenvolvimento dos bebês. Algumas vezes, as mães vinham buscar os bebês, no fim da tarde,

acompanhadas das avós, irmão (as) e tias. Ao abrirem a porta da sala, e se depararem com alguns bebês desenvolvendo alguma atividade sensorial ou psicomotora, sentadinhos nos colchonetes, outros em pé, segurando no berço, fazendo balbucios, já era um motivo de admiração, pois ali surgia mais um avanço que os bebês atingiam. Com isso, a felicidade das famílias era notória.

5 Os relatórios descritivos como instrumento de registro do desenvolvimento de bebês

Os relatórios, documentos descritivos feitos a partir das observações de bebês e crianças pequenas, realizados no decorrer do ano letivo, têm como foco principal entender como acontece o desenvolvimento infantil em determinado tempo e sob certos critérios, dando ênfase à importância que tem a creche na vida dos mesmos.

Meu foco de análise dos relatórios foi o desenvolvimento dos bebês, mas *olhei* também para o cuidado despendido por parte da professora, bem como para as formas como aqueles pequenos se adaptaram a esses cuidados.

Devido à minha vivência na creche, percebi que é necessário tempo e espaço para a reflexão partilhada com os pares no contexto da instituição com a finalidade de compreender o que é próprio do desenvolvimento de bebês e da docência desenvolvida com eles.

No período de adaptação, os bebês e as suas famílias experimentam uma série de sentimentos e expectativas tais como: medo, insegurança e alegria. É comum neste momento o choro por parte das crianças, pois, todos estão saindo do ambiente familiar e iniciando sua nova fase em um ambiente escolar. Assim, é fundamental: “[...] estar próximo aos bebês observando suas interações, ações, reações, falas, gestos, tendo em vista um olhar sensível, que perceba para além do habitual, do corriqueiro” (OSTETO, 2008, p. 13). Em minha análise dos relatórios, esse foi um aspecto para o qual lancei atenção, isto é, o período de adaptação dos bebês à creche.

Em tal período, os bebês demonstram um comportamento bastante apreensivo nas primeiras semanas de ingresso à creche, um processo lento e sensível. As observações fornecem elementos para a discussão com os adultos que atuam com bebês que, por sua vez, fundamentam o planejamento das ações pedagógicas e permitem a ampliação das experiências dos pequeninos.

De fato, o movimento de observar, discutir e planejar me permitiu compreender que o trabalho com os bebês não apresenta resultado imediato, mas, cria possibilidades para que eles continuem aprendendo e se desenvolvendo. Assim, com o passar do tempo, carinhas *fechadas* foram sendo substituídas por balbucios e sorrisos largos. Uns bebês se *soltaram* de maneira mais rápida, outros nem tanto, mas cada um no seu tempo, e assim segui em minhas interações com os bebês, respeitando sua singularidade e seu tempo de se expressar nesse novo ambiente no qual adentravam.

Minhas observações sobre esses pequeninos, enquanto estagiária da instituição e pesquisadora iniciante, se tornou algo muito agradável, tanto para mim, quanto para eles,

gerando uma sintonia entre nós, visto que se criou uma proximidade cheia de confiança. Aquele momento em que estávamos inteirados uns com os outros, fazia de mim alguém conhecido e querido, não apenas uma mera estranha, alguém que fazia parte do contexto em que eles estavam inseridos no decorrer dos dias da semana, sob os meus cuidados.

No decorrer do ano letivo, foi possível observar algumas mudanças no desenvolvimento dos bebês, por exemplo: estar na sala sem chorar, quando não havia a presença de algum parentesco, o esquecimento da chupeta, a interação com os demais bebês, ou seja, o que outrora era estranho e de difícil aceitação, gradativamente passava a ser natural para os bebês. E a partir daí, começava uma nova fase na vida de cada um, de trocas de experiências, ganho de autonomia e novos conhecimentos.

6 O percurso mediativo-formativo dos bebês: descrição e análise dos relatórios descritivos

Esta seção se destina à discussão das análises que empreendi sobre os relatórios dos bebês, que são indicados, na sequência, por codinomes que criei, tendo em vista preservar sua real identidade, em respeito aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, sobretudo com crianças. Também considerei suas principais características ou formas de interação ao usar esses codinomes.

6.1 Bebê Carinho

No período de adaptação esse bebê demonstrou estar bastante apreensivo, pois chorava muito, e não interagia com os demais bebês que estavam ali. Por várias semanas esteve bastante assustado. Passada, contudo, a fase de adaptação, ele demonstrou ser uma criança carente de atenção e carinho. Gostava de estar perto das professoras e adorava um colinho. Atento e observador, gostava também de assistir aos vídeos educativos que exibíamos e foi construindo autonomia a cada dia, mostrando-se mais seguro.-

6.2 Bebê Gatinha

Essa criança deu seus primeiros passinhos sozinha, sem ajuda de nenhum objeto nem pessoa. Desenvolveu a sua oralidade, passando do balbúcio para algumas onomatopéias e gritinhos, chegando a imitar alguns sons. Sua coordenação motora ampliou-se conforme o esperado, para seu período de desenvolvimento, pois ficava sentada, segurava a cabeça, ficava de pé, batia palmas, possuía tônus muscular adequado (musculatura), assim como equilíbrio nesses movimentos. *Crescia* emocionalmente, tornando-se mais segura na escola, chorando

pouco e sorrindo mais.

6.3 Bebê Delicado

Na fase de adaptação, esse bebê apresentou muitas dificuldades em relação à alimentação, bem como problemas relacionados à saúde, como gripes constantes e alergias, precisando frequentemente se afastar da escola para acompanhamento médico, tornando difícil seu processo de adaptação. Ao retornar para a escola, o choro era inevitável, mas, com o passar dos meses, se adaptou ao ambiente da creche, demonstrando confiança em si e nas demais pessoas da creche. Bastante esperto e cheio de energia, esse bebê mostrava muito prazer nas brincadeiras, principalmente quando oferecíamos bola. Observador e bastante participativo, passou a sorrir, bater palminhas e movimentar o corpinho enquanto cantávamos e conversávamos nas *rodinhas*. Percebemos autonomia crescente e satisfação dessa criança durante todas as brincadeiras livres, pois se movimentava muito bem, caminhando com bastante equilíbrio.

6.4 Bebê Alegria

Passou pela adaptação de maneira tranquila, não chorou e nem estranhou o ambiente no qual estava sendo inserido. Gostava sempre de estar pertinho das professoras e coleguinhas, demonstrando alegria, diversos sorrisos acompanhados de balbucios. Ao conversarmos com os bebês, assim como ao exibirmos vídeos educativos, percebemos que essa criança ficava bastante atenta. Também interagiu batendo palminhas e movimentando o corpinho ao ouvir canções que cantávamos. Quanto à alimentação, comia bem todas as opções ofertadas, e não apresentou restrições a nenhum alimento. Durante as brincadeiras livres, brincava com bonecas e garrafinhas que fazem barulho. Igualmente mostrou avanços na motricidade fina, passando a segurar objetos por mais tempo, sem deixá-los cair. O equilíbrio ainda estava instável, uma vez que, à época do registro de seu relatório, os músculos das pernas não estavam bem fortalecidos. Percebemos também que esse bebê se desenvolveu muito bem quanto às dimensões cognitivas e socioafetivas, por exemplo, entendendo o que acontecia ao seu redor, e mostrando-se sociável, alegre e bem esperto.

6.5 Bebê Encanto

Iniciou sua adaptação escolar após o segundo mês do início do ano letivo, pois sua mãe queria que completasse quatro meses para inseri-lo no ambiente escolar. De início, a mãe tinha receio por sua filha ser a mais nova da creche, mas, a criança teve bastante facilidade em sua fase de adaptação. Nas primeiras semanas, ela ficou mais acanhada, sentadinha, observando o que

os demais faziam. Porém, aos poucos, começou a se entrosar com os coleguinhas e a produzir, de sua maneira, seus movimentos. Ágil, alegre e esperta, bastante atenciosa e observadora, ela se desenvolvia com muita rapidez na creche. Demonstrava muita alegria na hora das músicas, e quando colocávamos os vídeos educativos, seu interesse era bem maior, sendo notória sua alegria e satisfação através das palminhas e gritos de felicidade. Rejeitava alguns alimentos, tais como, sopa de feijão, sopa de carne, laranja e maçã.

Houve melhorias na motricidade fina, pois esse bebê passou a segurar objetos por mais tempo, sem deixá-los cair. Em relação à autonomia, ainda era perceptível uma insegurança para se locomover sozinha ou com nossa ajuda. Seu desenvolvimento no decorrer do ano ocorreu de forma satisfatória no que se refere à motricidade fina e à socialização com os outros bebês e conosco.

6.6 Bebê Chamego

No período de adaptação, a criança e a família experimentaram uma série de sentimentos, tais como medo, alegria e muitas expectativas, manifestações essas muito recorrentes no contexto da creche. Isso influenciou bastante na fase de adaptação da criança, pois esse bebê vinha acompanhado de sua mãe e sua avó, que permaneciam na creche por bastante tempo. Passadas algumas semanas, porém, o choro foi substituído por sorrisos e balbucios.

No que concerne à alimentação, essa criança nunca rejeitou as opções que oferecíamos, pois apreciava a alimentação da escola, principalmente, o leitinho rotineiro. Apreciava bastante ouvir as histórias que narrávamos, sentado, com apoio, pois, ainda não tinha equilíbrio para sentar sozinho.

Os vídeos educativos sempre chamavam sua atenção. Ele também demonstrava muita satisfação e alegria batendo palminhas e mexendo os pezinhos. Nas brincadeiras livres, sua maior distração eram os diversos brinquedos que os pais enviavam de casa.

Em relação à autonomia, houve um grande avanço no desenvolvimento desse bebê no decorrer dos meses, pois ampliou o equilíbrio para se sentar, e já conseguia se locomover segurando nos objetos. Houve melhorias, ainda, na motricidade fina, onde o mesmo conseguia segurar por mais tempo os objetos e os repassar para os coleguinhas. Quanto à oralidade, os balbucios passaram a ser sons mais perceptíveis e fáceis de decifrar. Em suma, o Bebê Chamego demonstrou ser uma criança sociável e tranquila.

6.7 Bebê Xodó

Passou pela fase de adaptação de maneira muito tranquila, sem estranhar o ambiente e nem as pessoas. Sempre gostou de estar pertinho das professoras e dos amiguinhos, recebendo atenção e carinho. Bastante atencioso e ágil, prestava bastante atenção em tudo que acontecia ao seu redor. Demonstrava alegria nas brincadeiras livres. Quando ouvia alguma música, batia palminhas e mexia seu corpinho, com muita frequência, fazendo balbucios e sorrindo.

De todos os brinquedos que disponibilizávamos, o que mais chamava a sua atenção eram as garrafinhas com objetos dentro, que faziam barulho. Quanto à alimentação, sempre comia bem, por muitas vezes querendo experimentar o alimento dos seus coleguinhas. Bastante esperto, disposto para as brincadeiras, caminhava com bastante equilíbrio, desenvolvendo sua motricidade de maneira significativa. Também adorava os vídeos educativos, esbanjando alegria, correndo e gritando na sala de aula. Durante o período de observação que resultou nos registros dos relatórios, percebi, junto à professora da turma, que esse bebê passou a manipular sua mamadeira, sozinho, e comer as frutinhas sem ajuda de ninguém. Na oralidade, notamos que os balbucios foram substituídos por palavrinhas soltas. Sem dúvida, uma criança sociável e muito carismática.

6.8 Bebê Tesouro

Sua chegada à creche aconteceu no mês de agosto. Queria ficar no colo o tempo todo. Sentia muita falta da sua mãe, pois ainda mamava no peito. O seu desenvolvimento na creche foi bastante comprometido por conta da quantidade de faltas, o que o afastou da rotina da creche. Percebemos a insegurança de seus pais em relação à adaptação da criança à creche, bem como aos profissionais da instituição. Acredito que essas dificuldades no processo de adaptação afetaram seu desenvolvimento, de alguma forma, uma vez que a insegurança dos pais é captada pela criança, concorrendo para que ela própria se sinta insegura.

7 A triangulação formativa: bebês, profissionais da educação e pais

Conforme já anunciei, anteriormente, a triangulação formativa Langhi (2009) consistiu em inspiração para que eu pudesse realizar o cruzamento entre os três sujeitos que se entrelaçaram no percurso da experiência que narro, ou seja, os bebês, seus pais e nós, educadoras e gestoras.

Nessa teia de relações, percebi que, em se tratando do papel da formação docente na atuação profissional, cada um tem uma bagagem de experiências que muitas vezes a formação acadêmica não nos dá. É na prática e convívio que ficamos ricos intelectualmente, ricos de saberes diversos. O que eu sei hoje enquanto estudante de pedagogia não me torna menos nem

mais experiente quando o assunto é o desenvolvimento de bebês e a conquista da confiança dos pais.

Assim, no decorrer do ano letivo pude vivenciar experiências únicas e bastantes significativas no contexto da creche, uma vez que a professora titular contribuiu muito para meu aprendizado sobre como atrair a família para dentro do contexto da creche. As conversas de todos os dias com a professora, assim como o contato diário com os pais me fizeram entender que cada um tem suas contribuições quando o assunto envolve bebês.

Destaco que o acompanhamento que eu tive enquanto estagiária foi bastante proveitoso para minha formação, haja vista que as orientações, tanto da gestão da escola como da coordenadora pedagógica e, em especial, da professora titular, me fizeram dar um salto em meus conhecimentos sobre o fascinante *mundo* dos bebês.

As orientações que recebi no período de adaptação dos bebês, de como seria a reação de cada pai, o que eu poderia fazer para ajudar nesse processo de adaptação, foram essenciais para que eu tivesse um bom desempenho dentro de sala e ganhasse a confiança dos pequeninos e de seus pais.

Lembro-me que a coordenadora pedagógica me disse, certa vez: “O amor pela profissão é o que nos faz ser pacientes e ir mais longe no processo delicado de adaptação”. Estas palavras me fizeram entender que não bastava apenas cuidar e observar as crianças. Eu precisava amá-las, assim como amar o que estava fazendo, ou seja, respeitar e zelar pelos bebês aos meus cuidados, assim como pela minha prática docente.

As conversas diárias com a professora, sobre como eu poderia me comunicar com os pais em relação ao desenvolvimento diário dos bebês, foram essenciais para minha formação docente, pois me fizeram entender que a creche não só ajuda os pais enquanto eles trabalham, mas ajuda no desenvolvimento das crianças, muitas vezes de maneira rápida e surpreendente.

Essa experiência me fez perceber o quanto somos dependentes uns dos outros, numa relação formativa interpessoal, desde o nascimento até a morte. Onde uma criança nasce e é totalmente dependente da mãe ou de outros adultos que a cuidam. E quando as famílias precisam colocar os seus filhos, ainda bebês, na creche, eles se tornam dependentes de nós, professoras, enquanto profissionais da educação.

Percebi também que nesse processo nós precisamos de apoio e acompanhamento do corpo gestor para realizar nosso trabalho de uma forma agradável e correta.

Assim, inspirada na triangulação formativa (LANGHI, 2009), assim como na experiência que vivi com bebês, profissionais da educação (docentes e gestores) e pais, compreendi que cada um desses sujeitos tem sua devida importância na trama de relações que se forma no âmbito da creche. Dessa maneira, a triangulação formativa se deu por meio das interações que esses três grupos estabeleceram, levando-os a superar o medo, a gerar confiança mútua e a se perceberem como sujeitos interdependentes no processo de educar/educar-se na e para a vida.

Essa triangulação formativa acontece também quando oferecemos o que sabemos e ouvimos as experiências dos outros, partilhamos saberes com as demais pessoas, através do diálogo. É uma ponte com novas experiências, de respeito sobre a formação e experiências de cada um, é um ponto principal para ajudar nesse processo de adaptação e desenvolvimento de cada bebê.

Quanto a estes, são sujeitos de direito e de potencialidades, que também conseguem nos ensinar por meio de suas formas singulares de constituição identitária como seres humanos. Da mesma forma, nos ensinam a aprender consigo, a entender sua comunicação, suas formas de expressão, seus gostos, suas necessidades. Ensinam ainda que podem nos unir, família e escola, a partir do objetivo comum de contribuir para sua formação, seu desenvolvimento global, seu bem-estar.

8 Considerações finais

O objetivo pesquisa foi observar, descrever e analisar como o desenvolvimento de bebês acontece no contexto da creche quando há uma triangulação formativa entre estes, as educadoras-gestoras e os pais.

Na análise que empreendo sobre os relatórios descritivos dos oito bebês, percebe-se que houve entre certas dificuldades de adaptação dos mesmos à creche, que os levou, em alguns casos, à rejeição aos alimentos, choro, medo e insegurança, manifestações essas muito habituais quando os pequenos ingressam nessa instituição. Outros bebês tiveram adaptação mais tranquila e um desenvolvimento global mais harmônico.

Os pais de dois bebês demonstraram maior necessidade de acompanhamento e esclarecimentos sobre a adaptação dos filhos na creche, demonstrando insegurança e receio, não demonstrando tanta confiança em deixar seus filhos à vontade na creche, causando assim uma dificuldade na adaptação das crianças.

A partir das reflexões realizadas por meio desta pesquisa, foi possível compreender que o processo de formação docente não é uma linha reta. Ao contrário, é permeado por muitas dúvidas, percalços, atalhos, desvios etc. Cada sujeito envolvido, seja bebê ou adulto, ensina e aprende com os demais, de forma coletiva.

Dessa forma, minhas aprendizagens com bebês, enquanto estagiária, me permitiram entender que esses pequeninos não necessitam apenas de cuidados, pois, eles são seres com muito potencial para aprender. Aprendi também nesse percurso que no processo de desenvolvimento dos bebês a observação é essencial, tendo em vista que eles muito nos dizem das suas necessidades, mas acima de tudo, das suas possibilidades, interesses, desejos e características pessoais, sendo importante destacar que cada um deles tem uma forma singular de se expressar, razão pela qual o olhar sensível do docente é indispensável.

Assim, por meio da relação com o grupo de profissionais da escola e com as famílias, tornou-se concreta a ideia de que para educar bebês é indispensável trabalhar coletivamente. É, portanto, necessário construir com o grupo laços de confiança e parceria no cuidado e na educação dos bebês oferecendo, em especial à família, um espaço para ouvir, expressar seus pensamentos, desejos e anseios.

A experiência em sintonia do corpo docente, grupo gestor e os pais, para que os bebês tivessem um bom desenvolvimento ao longo do ano letivo. A isso chamamos de triangulação formativa. Toda essa interação com os pequeninos resultou em um desenvolvimento significativo com todo o grupo escolar.

Em síntese, é possível afirmar que, por meio das relações estabelecidas no CEI, enquanto estagiária e pesquisadora iniciante, fui me constituindo como docente à medida que superava muitas dúvidas e me aproximava de algumas certezas. Nesse processo, compreendo que sempre haverá dúvidas porque sempre surgirão demandas novas.

Por fim, acredito que a observação atenta e sensível sobre os bebês, o diálogo com as famílias e o processo de reflexão partilhada entre os profissionais da educação, darão condições para a construção de uma prática docente segura e intencional.

Referências

ANTUNES, Celso. **A criança: recados, cuidados e fascínio** 18. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Na Sala de Aula)

COUTINHO, A. S. A. A prática docente com bebês. **Revista Pátio-Educação Infantil**. Ano XI, n. 35, abr/jun. 2013.

GOLDSCHMIED, Elinor. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. – Porto Alegre: 2006.

LANGHI, R. **Astronomia nos anos iniciais do ensino fundamental: repensando a formação de professores**. 2009. 370 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, 2009. Disponível em: Acesso em: 21 nov. 2019.

MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Florianópolis: **Perspectiva**. v. 25, n. 1, p. 83-104, jan/jun.2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. **Creches: crianças, faz de conta e cia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

SARMENTO, Teresa (Coord.). **Juntos...pela criança na creche!**. 1. Braga: Editora Publito: Impressão e Acabamentos, 2016.

SPADA, Ana Corina Machado. **Processo de criação das primeiras creches brasileiras e seu impacto sobre a educação infantil de zero a três anos**. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_.../ZjxYEbbk.doc. Acesso em: 20 jan 2019.

Data de submissão:30/11/2019

Data de Aceite:31/01/2020